

ARTIGO

PERSPECTIVAS DO RAP NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: O QUE PENSAM OS DOCENTES?

Ana Luiza da Silva Indiano¹

RESUMO

O rap, voz do movimento Hip Hop, tem representado a cultura de margem e ampliado as discussões sobre o racismo, questões de gênero, conflitos de classes entre outras problemáticas. A incorporação do rap e dessas temáticas no ensino é de extrema relevância para a construção de um currículo pautado na interculturalidade. Este estudo analisa qual o papel do rap a partir da perspectiva de três professores de uma escola pública do Gama, DF, Brasil e visa também compreender que percepções os mesmos possuem sobre o rap. O trabalho foi desenvolvido com a análise qualitativa de entrevistas semi-estruturadas. Também foi proposto para o desenvolvimento da entrevista uma análise da música “Primeiro de Abril”, do grupo Além da Loucura. A partir das respostas dos professores foi possível verificar que na perspectiva dos entrevistados o rap possui um papel de gerar criticidade, reflexão sobre o mundo, e se aproxima de uma educação para a cidadania. Outro aspecto destacado é a pluralidade de conteúdos que podem ser trabalhados a partir do rap. Por meio disso podemos compreendê-lo como um instrumento de emancipação e transformação social.

Palavras- chave : Educação Geográfica. Interculturalidade. Criticidade. Rap Nacional.

1 INTRODUÇÃO

O rap é um dos elementos do movimento Hip Hop que conseguiu ganhar espaço, sobretudo junto à juventude, tornando-se uma espécie de voz do movimento para denunciar a exclusão social, as desigualdades do sistema capitalista, o racismo, a violência e

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade de Brasília (UNB), cursando o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da mesma universidade. Membro do Observatório de Territórios de Esperança. E-mail: analu.contato4@gmail.com

tantos outros conflitos que estão presentes dentro da sociedade. O Hip Hop tem se desenvolvido das periferias estadunidenses nos anos 1970 (LOUREIRO, 2017; TEJERA, 2013; TEIXEIRA, 2020) para as periferias do mundo, como as brasileiras, e tem ganhado espaço na edificação de uma juventude mais crítica e emancipada (DAYRELL, 2002). O rap auxilia na construção dessa criticidade mostrando a voz de grupos que foram por muito tempo marginalizados e estigmatizados e encontram no rap a potencialidade de ressignificar essas acepções (LOUREIRO, 2017).

Cabe salientar que o rap não é um estilo unívoco, existe uma parte dele apropriada pela indústria cultural², contudo, este segmento não é o objetivo deste trabalho, pois ainda há uma porção do rap que está engajado, com uma visão crítica e política da sociedade moderna. Deste modo, pensa-se que este tipo de rap possui um grande potencial para ser incorporado na dinâmica do ensino para ajudar na formação de jovens situados nos conflitos e contradições sociais existentes e que possam se tornar atuantes como sujeitos construtores de suas próprias leituras de mundo. Pensa-se que as discussões e conhecimentos formulados dentro do rap podem ser de fundamental importância para o ensino geográfico e é a esta questão que se dedica este trabalho.

A geografia escolar, segundo Vesentini, não deve ser compreendida como um processo de reprodução e precisa ser vista como uma ferramenta para compreender o mundo e os problemas da sociedade contemporânea aproximados da realidade dos(as) estudantes. Assim, a Geografia está pautada na construção de alguns objetivos: desenvolver processos de autonomia; contribuir com a criatividade; desenvolver a criticidade do(a) aluno(a), portanto, possui um maior compromisso com a construção da cidadania, e para exercê-la, busca-se reivindicar seus direitos e questionar a realidade na qual vivem (VESENTINI *apud* FERNANDES e GEBRAN, 2010). Exercício este que pode ser realizado com a inserção de raps na sala de aula, buscando a análise das letras com os estudantes para refletir os problemas atuais e criar sujeitos propositivos (TEIXEIRA, 2020).

Para discutir a utilização do rap dentro da sala de aula, principalmente nas aulas de Geografia, buscamos respaldo em elementos do currículo multicultural crítico, ou interculturalidade, para justificar conteúdos que abarquem a diversidade e as diferenças dentro do espaço escolar. Abordamos o rap como sua síntese de Rhythm and Poetry, ou seja, Ritmo e Poesia; deste modo, podemos nos referenciar também em estudos sobre o uso da música e poesia na educação e no ensino geográfico.

O uso da música na educação pode ser uma importante aliada na construção de várias competências como a consciência e inteligência emocional do indivíduo (MOREIRA,

SANTOS e COELHO, 2014). A música está conectada ao bem estar, além de contribuir para a concentração e desenvolvimento do raciocínio e pode auxiliar na construção da identidade e na formulação da cidadania (idem). Já a poesia pode auxiliar os(as) estudantes a “observar, ponderar, questionar, descobrir imagens, sons e sentimentos que poderiam permanecer inexplorados sem o contato com ela. A poesia traz equilíbrio e beleza ao nosso mundo, cada vez mais complexo” (SILVEIRA, DEBUS, AZEVEDO, 2018, p. 94).

Essa temática foi escolhida pois, ao ouvir músicas do gênero rap e pelo levantamento bibliográfico, foi possível perceber que o rap, principalmente o visto como rap de mensagem, possui uma forma específica de enxergar a sociedade e assim expressar o cotidiano vivido no espaço de uma forma particular e com um olhar crítico, que pode auxiliar a construção dos(das) estudantes de diversas maneiras: emancipação do indivíduo, valorizar o espaço em que vivem, desconstruir conceitos e preconceitos existentes, participar de debates sobre gênero, raça e classe, novas perspectivas sobre a periferia, valorização de elementos de culturas de margem, como o Hip Hop.

Este trabalho visa analisar o papel que os professores e educadores atribuem ao rap nas aulas de Geografia. Os objetivos específicos são: i) identificar a perspectiva predominante entre os professores sobre o rap; ii) indicar a visão dominante entre os professores sobre as potencialidades do uso do rap como instrumento de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia; iii) analisar o uso do rap nas aulas de Geografia pela ótica encontrada nos professores de Geografia.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico e entrevistas com professores para apreender as percepções que os(as) mesmos(as) possuem sobre o rap, seu uso na sala de aula e a questão do rap no ensino-aprendizagem de Geografia. Além disso, foi levada aos professores a letra de “Primeiro de Abril”, do grupo Além da Loucura, para compreender quais conteúdos ou competências poderiam ser trabalhadas e desenvolvidas com o uso desse rap no ensino geográfico.

Este trabalho se estrutura em oito seções. Primeiramente, abordamos a metodologia; em seguida, na seção “Contextualizando o rap”, é tratado o rap e sua origem; em o “ Uso da poesia e música em sala de aula”, trazemos algumas reflexões sobre a poesia e a música na prática escolar e na Geografia; na parte “A perspectiva multicultural, o rap e a Geografia: intercessões”, discutimos sobre currículo multicultural e sua relação com o rap e a defesa do rap dentro do currículo de Geografia; na seção “A Geografia escolar e o rap” versamos sobre objetivos da Geografia escolar e suas relações com o rap; já em “O rap em prática: o olhar

da(os) docente(s)” trazemos a análise das entrevista com os professores; e as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico no qual foram lidos artigos, capítulos de livros, dissertações de mestrado e documentos curriculares, no caso os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para abranger os seguintes temas: i) poesia e música nas salas de aula em geral e também com ênfase nas aulas de Geografia; ii) o Hip Hop e o rap como cultura, política e movimento social no universo das juventudes; iii) a educação geográfica; iv) o uso do rap como instrumento didático pedagógico em geral e, mais especificamente, nas aulas de Geografia; v) currículo.

Para a construção do trabalho, em um primeiro momento foi realizada uma entrevista piloto com um professor que não fazia parte da amostra para verificar as respostas e testar esse instrumento de coleta de dados. Após uma reflexão e revisão dos dados, foram feitos os ajustes na entrevista semi-estruturada.

A entrevista foi aplicada para 3 professores(as) que integraram uma escola pública do Gama, região administrativa do Distrito Federal. Essa amostra foi utilizada apenas para nos dar indícios das perspectivas defendidas nesse trabalho, sem ter a pretensão de gerar resultados generalizantes sobre o uso do rap para todos os professores. A escolha desses professores ocorreu pela aproximação desenvolvida durante meu trabalho no programa Residência Pedagógica, da Capes. Estes professores(as) me acolheram durante as atividades por um período de um ano, assim buscamos compreender a perspectiva dos mesmos sobre o uso do rap.

As entrevistas ocorreram de forma virtual por meio de uma rede social. Ainda no contexto da entrevista foi apresentada aos professores a letra do rap “Primeiro de Abril”, do grupo Além da Loucura, ADL, para que a partir da análise dos professores fosse possível apreender suas perspectivas sobre as potencialidades do uso do rap em sala de aula.

A realização de entrevista com os professores foi constituída tendo em vista compreender como o rap é visto na sala de aula e a partir do trabalho “A Geografia é o nosso dia-a-dia”, de Nestor André Kaercher (1996), além de perspectivas obtidas pelo rap escolhido. As perguntas objetivaram investigar: i) o que os professores de Geografia pensam sobre o rap enquanto expressão cultural, movimento social, expressão artística, música e poesia; ii) qual a concepção dos professores e educadores sobre o uso do rap nas aulas de Geografia; iii) com

que frequência, em que situação e como o rap é utilizado nas aulas de Geografia; iv) que conteúdos e conceitos podem ser desenvolvidos com a utilização do rap; v) que potencialidades podem ser desenvolvidas nos(as) estudantes através do rap.

A entrevista foi no modelo semi-estruturada e teve uma duração de cerca de 45 minutos para cada entrevistado. Em um primeiro momento os(as) professores(as) eram convidados a responder quatro perguntas sobre o rap em geral: i) se o rap pode auxiliar na construção de conhecimento; ii) que potencialidades desenvolve no estudante; iii) se já utilizou o rap na sala de aula e; iv) se o rap pode ajudar a construir o ensino de Geografia. Em seguida foi mostrada a letra da música “Primeiro de Abril” dando a oportunidade do(a) professor escolher se gostaria de ouvir a música ou apenas ler a letra. Após esse momento os professores analisaram a letra e foram feitas sete perguntas sobre a música escolhida e sua relação com a Geografia.

Também foram analisados os PCNs. O estudo desse documento foi realizado tendo em vista a perspectiva multicultural crítica do currículo. Essa investigação buscou encontrar elementos que indicassem aplicações para o uso do rap em sala de aula. Verificamos essa possibilidade por meio dos objetivos que se colocam para o ensino de Geografia.

3 CONTEXTUALIZANDO O RAP

Mesmo sendo os Estados Unidos o país onde o rap se consolidou como componente do hip-hop, as raízes dessa expressão musical remetem à Jamaica da década de 1960 (LOUREIRO, 2017). Pois, em 1969, o DJ jamaicano Kool Herc emigra para Nova Iorque, levando seu equipamento de som, tornando popular no Bronx o que viria a ser o rap (HATCH, 2006; WALKER, 2008 *apud* LOUREIRO, 2017).

Outras raízes mais antigas do rap se vinculam com um contexto de diáspora africana: o canto falado da África ocidental, local em que a oralidade é uma marca na transmissão de conhecimentos. O canto falado ressurgiu na Jamaica em 1950 e posteriormente chega aos Estados Unidos por imigrantes jamaicanos. A partir daí houve uma mistura com diversos ritmos da música negra como o Soul, Funk, Blues, Jazz e Disco. Essa prática desenvolvida dentro da cultura jamaicana era chamada de “Toastes” (TEJERA, 2013) e com a incorporação de novos estilos musicais pouco a pouco foi modulando as características do rap.

Na reflexão de Tejera (2013, p. 26), o rap “é uma manifestação da linguagem falada, incorporada a uma melodia que trabalha uma base rítmica repetitiva” que traz consigo as

narrativas do cotidiano de grupos majoritariamente marginalizados trazendo em suas letras as denúncias e as reivindicações destes indivíduos.

No Brasil, o rap começa a se difundir pelos Bailes Blacks (TEJERA, 2013; TEIXEIRA, 2020) uma década depois do que em Nova York, sobretudo na cidade de São Paulo. O panorama socioeconômico da cidade apresentava condições comuns às grandes metrópoles: as complexas contradições socioespaciais (TEJERA, 2013). E é na cidade de São Paulo entre os anos 1980 e 1990 que surgiram grandes grupos como Thayde e DJ Hum e Racionais Mc's, grandes representantes do rap da primeira geração e expoentes do rap nacional.

Hoje em dia, o rap se apresenta por todo Brasil, trazendo junto com as rimas características regionais, falando de questões locais, nacionais e globais, misturando outros elementos musicais de acordo com o local no qual está sendo desenvolvido. A diversidade é um elemento muito presente e é possível ver o desenvolvimento de diferentes estilos, desde o rap gospel, que traz elementos religiosos junto às rimas, ao rap gangsta, estilo de rap que canta a violência cotidiana presente na vida de muitos jovens, sobretudo negros nas periferias de várias localidades.

O rap na cena nacional está difundido em vários segmentos, conseguindo inclusive grande visibilidade da mídia com nomes como Emicida e Criolo. Os cenários regionais impulsionam muitos nomes para a cena nacional, como aconteceu com o rapper Baco Exu do Blues, da Bahia, e Djonga, de Belo Horizonte. É possível observar também uma grande articulação entre os vários rappers e mc's a partir do grande número de participações ou *featurings* em diversas músicas desse gênero.

4 O USO DA POESIA E MÚSICA EM SALA DE AULA

Os professores de Geografia têm usado música e poesia em suas aulas com diferentes propósitos: desenvolver conteúdos (SANTOS e CHIAPETTI, 2011; FUINI *et al.*, 2012), construir cidadãos com visão crítica e criativa, atrair o alunado (SANTOS E CHIAPETTI, 2011), entre outras perspectivas. Nas aulas de Geografia essa é uma prática recorrente. A importância desse uso e as metodologias mais adequadas têm sido, igualmente, discutidas por numerosos autores: Fuini *et al.* (2012), Santos e Chiapetti (2011), Oliveira, Silva, Neto, Vlach (2005).

Os estudos mostram que a música e a poesia favorecem o desenvolvimento de habilidades tais como: desenvolver o raciocínio, trabalho com a estabilidade emocional,

valorização de processos de expressão e comunicação, etc. O trabalho com a música pode trabalhar o bem estar físico, psíquico e mental, trabalhando questões como alívio da instabilidade emocional, valorização de processos de expressão e comunicação, e desenvolvimento de situações que trabalhem o sentido da “ordem, harmonia, organização e compreensão” (GAINZA *apud* MOREIRA, SANTOS e COELHO 2014, p. 46)

Considerando os aspectos da poesia, Ramalho (2014) nos fornece algumas reflexões sobre o poema. A primeira vem de características que o poema costuma exigir, que segundo a autora, “privilegiando a linguagem simbólica, o poema exige leitores mais maduros, com sensibilidade aguçada para perceber imagens, efeitos sonoros, metáforas, representações simbólicas, etc” (RAMALHO, 2014, p. 336). Este é um elemento importante para justificar o uso da poesia em sala de aula considerando que permite o desenvolvimento de capacidades interpretativas e relacionais nos(as) estudantes, o que pode causar um impacto positivo na aprendizagem.

De Souza *et al.* (2017, p. 2) apontam que “a poesia é fonte de muitas riquezas que podem ser trabalhadas com os alunos, pois através do seu ritmo, sonoridade, aspecto visual, consegue, através das palavras, expressar o mundo que captamos com os sentidos”. Novaes (*apud* SILVEIRA, DEBUS, AZEVEDO, 2018) aponta que há três funções básicas que a poesia pode oferecer: apoio no processo de alfabetização, contribuição para a leitura e incentivo ao letramento literário. Contudo, é evidente que essas três funcionalidades não esgotam outras perspectivas que o uso da poesia pode oferecer dentro do espaço escolar. Assim sendo com o rap, como ritmo e poesia, podemos perceber que ele articula capacidades desenvolvidas tanto com o uso da música quanto da poesia o que pode ser um alicerce fundamental para o desenvolvimento de várias habilidades por parte do alunado.

5 A PERSPECTIVA MULTICULTURAL, O RAP E A GEOGRAFIA: INTERCESSÕES

Estudos mostram que o rap faz parte do universo das juventudes (DAYRELL, 2002), e que seu uso nas salas de aula de todas as disciplinas e também de modo especial nas de Geografia favorece a criatividade, audição, leituras de mundo, construção da criticidade, aproximação com diferentes linguagens entre outros elementos. Nossa pergunta é se os professores reconhecem essas potencialidades e o quanto têm usado o rap como instrumento de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia. Para pensar a inclusão do rap no ensino, principalmente no ensino geográfico, cabe em momento inicial refletir sobre o rap em uma perspectiva do currículo intercultural.

É necessário compreender que o currículo que se reflete em nossas escolas apresentam diferentes níveis de decisão (JONNAERT, ETTAYEBI, DEFISE, 2010): nível macro, representadas, por exemplo, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular; meso, compreendendo os Currículos em Movimento, no caso do Distrito Federal; e micro, por fim, incluindo o Projeto Político Pedagógico de cada instituição de ensino e os planos de aula de cada professor(a). Todos esses documentos devem ser compreendidos enquanto currículos e assim, fazer uma defesa de uma abordagem de um multiculturalismo crítico ou intercultural torna-se de grande relevância para a construção de uma escola diversa pautada na democracia e que esteja aberta para refletir e pensar as diferenças, como coloca Candau (2012), que traz reflexões sobre a interculturalidade no espaço escolar:

Trata-se de questionar as diferenças e desigualdades construídas ao longo da História entre diferentes grupos socioculturais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, entre outros. Parte-se da afirmação de que a interculturalidade aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados. (CANDAUI, 2012, p. 244)

Segundo a mesma autora, a interculturalidade permite a construção de identidades pautadas na dinamicidade e pluralidade e questiona a perspectiva essencializada de sua formação. Na perspectiva de Candau, a interculturalidade:

Potencializa os processos de empoderamento, principalmente de sujeitos e atores inferiorizados e subalternizados, e a construção da autoestima, assim como estimula os processos de construção da autonomia num horizonte de emancipação social, de construção de sociedades onde sejam possíveis relações igualitárias entre diferentes sujeitos e atores socioculturais (CANDAUI, 2012, p. 245).

Deste modo, o ensino do rap na educação pode ser um ótimo instrumento para incluir grupos que foram subalternizados como a periferia e o povo negro. A partir dos discursos destacados na maioria dos raps, pode-se oportunizar a criação de uma escola que dialogue com as diferenças e as coloque em pauta em uma posição de confrontar os discursos e narrativas postas a fim de refletir com criticidade a sociedade que construímos. Para ter esse objetivo em mãos, torna-se necessário compreender as perspectivas apontadas no multiculturalismo crítico.

Canen e Oliveira (2002, p. 63) apontam quatro dimensões propostas na prática pedagógica multicultural, sendo elas:

a construção (que envolve a produção do conhecimento, por parte do aluno, por intermédio de estratégias que o ajudem a buscar, compartilhar e analisar a informação sobre o pluralismo cultural e as desigualdades); voz e escolha (desenvolvimento de atividades democráticas em sala de aula, envolvendo a voz e a escolha dos alunos); crítica (envolvendo estratégias que demandem a discussão de valores culturais conflitantes, críticas ao status quo e investigação das relações culturais de domínio e marginalização); e, por fim, o ativismo social (incentivo a tomadas de posição e ações efetivas, com base nas outras três dimensões, que levem ao ganho de habilidades para uma oposição ativa às condições de desigualdade)

Percebe-se que o uso do rap em sala de aula pode contribuir principalmente com o desenvolvimento das dimensões críticas e do ativismo social, pois, oportuniza-se a possibilidade de abrir diálogos que se oponham aos discursos homogeneizantes sobre a periferia e ao mesmo tempo, fornece ferramentas para que o(a) jovem seja um(a) ativista social compreendendo a realidade e se opondo à desigualdade existente em nossa sociedade.

Nesta perspectiva acreditamos que as práticas desenvolvidas em sala de aula devem abrir espaços para que aconteça uma "crítica cultural permanente dos discursos como a possibilidade dada aos alunos de analisar suas identidades étnicas, criticar mitos sociais que os subjagam, gerar conhecimento baseado na pluralidade de verdades e construir solidariedade em torno dos princípios da liberdade, da prática social e da democracia ativista" (CANEN e OLIVEIRA, 2002, p. 63).

Compreende-se assim que o papel do(a) professor(a) é de caminhar conforme aponta Canen e Oliveira (2002, p. 63) como "um agente cultural, que busca transformar relações desiguais e que cruza fronteiras culturais em seus discursos e práticas." Assim, deve ser visto como um(a) mediador(a) no processo de construção de conhecimentos, colocando em primeiro plano o corpo discente no estímulo a dialogar sobre as diferenças e almejar uma transformação social.

Neste viés, cabe pensar que conteúdos podem estar dispostos para mediar o trabalho pedagógico. Para a construção deste trabalho consideramos o que está estabelecido para o currículo de Geografia nos anos do Ensino Fundamental e Médio segundo os PCNs (Brasil: 1998; 2002). A escolha deste documento se deu por ser de caráter nacional, ter uma aplicabilidade específica para a Geografia no ensino fundamental e médio, diferente do que ocorre na BNCC que, para o ensino Médio, apresenta apenas temas transversais. Cabe destacar que um trabalho mais localizado poderia ser desenvolvido de acordo com currículos mais específicos levando em consideração, por exemplo os elementos pressupostos do Currículo em movimento, no caso do Distrito Federal.

Quanto ao uso dos PCNs é importante salientar que mesmo cabendo várias críticas³ a este documento, o que não será o intuito deste trabalho, acreditamos que é necessário ter referenciais para nos apoiar no processo educativo e vislumbrar caminhos que podem ser seguidos durante a prática pedagógica, deste modo buscamos nos ancorar em alguns pontos expressos no documento.

O documento referido acima (BRASIL; 1998, p. 61) sinaliza para o Ensino Fundamental o desenvolvimento de capacidades de leituras de mundo dos(as) discentes: “Torna-se importante que os alunos possam perceber-se como atores na construção de paisagens e lugares; que possam compreender que essas paisagens e lugares resultam de múltiplas interações entre o trabalho social e a natureza, e que estão plenos de significados simbólicos decorrentes da afetividade nascida com eles”.

Para o Ensino Fundamental as diretrizes indicadas no documento apontam para “uma Geografia em que os alunos possam realizar uma leitura da realidade de forma não fragmentada para que seus estudos tenham um sentido e significado no seu cotidiano, e no qual a sua vida no lugar possa ser compreendida interagindo com as pluralidades dos lugares, num processo de globalização, fortalecendo o espírito de solidariedade como cidadão do mundo” (BRASIL, 1998, p. 61).

Por meio do rap, poderíamos delinear algumas destas questões visto a pluralidade de temáticas existentes e os diferentes estilos que convergem para esse gênero musical, possibilitando a discussão sobre reflexões do cotidiano e percepções das diferentes escalas envolvidas no processo de construção da paisagem a ser analisada (TEIXEIRA, 2020). Pela diversidade de conteúdos expressos no rap, percebe-se que existe a possibilidade de encaixá-los nos temas transversais que compõem os Parâmetros Curriculares Nacionais, que são: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo.

Deve-se pontuar que a perspectiva a ser analisada quanto aos eixos transversais assim como aos outros conteúdos expressos no documento é uma análise crítica. Com isso, subentende-se que essas temáticas devem estar centralizadas em uma lógica de abordar questões da diversidade e refletir sobre elas buscando alcançar a interculturalidade. Nesta perspectiva, eixos como a pluralidade cultural trazendo apenas a diferença em um caráter assimilacionista, ou seja, que apenas trata como o diferente em um viés que ocasionalmente pode beirar o folclórico, se acontecem uma vez no ano, em uma data específica, como o dia do índio ou da consciência negra, apenas para mostrar que existe uma diversidade de pessoas, mas sem desmascarar os processos. Esta dimensão não deve ser almejada, pois o que se busca

é um processo crítico-reflexivo de trabalhar as diferenças culturais, sociais, sexuais e de gênero.

Pensa-se que esses conteúdos são sim transversais, mas são, sobretudo, geográficos. A diferença, as contradições existentes no espaço, são pontos centrais para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico (KAERCHER, 1996; TEIXEIRA, 2020) e, mediado pelo rap, pode trazer bons resultados para a construção de conhecimentos que tangem à Geografia (TEIXEIRA, 2020).

Os Parâmetros para o Ensino Médio (BRASIL, 2002, p. 30) apontam que “o aluno deve construir competências que permitam a análise do real, revelando as causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade”. Assim, percebe-se o desenvolvimento de uma capacidade, a de analisar o espaço e relacionar aspectos que o constituem.

Esse documento aborda três princípios filosóficos da concepção curricular que a Geografia pode contribuir: “reconhecer as contradições e os conflitos econômicos, sociais e culturais, o que permite comparar e avaliar qualidade de vida, hábitos, formas de utilização e/ou exploração de recursos e pessoas, em busca do respeito às diferenças e de uma organização social mais equânime” (BRASIL, 2002 p. 31). Esse ponto articula-se com o emprego do rap, pois o rap crítico está centrado nos conflitos de classe, raça e gênero e outras contradições que possam estar dispostos na sociedade moderna. Assim, utilizar o rap como um mediador para dialogar sobre esses fenômenos se torna uma perspectiva que nos instiga a pensar a geografia como esse ponto de desvelar as narrativas sociais.

Os PCNs para o Ensino Médio revelam competências e habilidades a serem desenvolvidas no ensino de Geografia e destacamos as habilidades que mais dialogam com o uso do rap, que estão dentro da competência contextualização sócio-cultural :

Reconhecer na aparência das formas visíveis e concretas do espaço geográfico atual a sua essência, ou seja, os processos históricos, construídos em diferentes tempos, e os processos contemporâneos, conjunto de práticas dos diferentes agentes, que resultam em profundas mudanças na organização e no conteúdo do espaço; Compreender e aplicar no cotidiano os conceitos básicos da Geografia; Identificar, analisar e avaliar o impacto das transformações naturais, sociais, econômicas, culturais e políticas no seu “lugar-mundo”, comparando, analisando e sintetizando a densidade das relações e transformações que tornam concreta e vivida a realidade. (BRASIL, 2002, p. 35)

Pelo caráter crítico presente em muitas letras de rap pode-se depreender que existem possibilidades e perspectivas para o uso do rap na aula de Geografia. É possível afirmar que

sua utilização pode ser defendida em documentos que norteiam a educação e assim buscar integrá-lo nas práticas de sala de aula. Antes de discutir sua aplicação, cabe refletir sobre o ensino de Geografia.

6 A GEOGRAFIA ESCOLAR E O RAP

A geografia escolar, segundo Cavalcanti (2015, p. 28):

é o conhecimento geográfico efetivamente ensinado, efetivamente veiculado, trabalhado em sala de aula. Para sua composição, como já foi dito, concorrem a geografia acadêmica, a geografia "didatizada" e a geografia da tradição prática. Essa composição é feita pelos professores no coletivo, por meio do conhecimento que constroem sobre geografia escolar. Esse conhecimento é extremamente significativo na concepção de conteúdos da matéria a ensinar. Nele têm papel relevante as crenças adquiridas no plano do vivido pelo professor como cidadão; o conjunto de concepções, crenças adquiridas na vida, incluindo aí a formação profissional universitária (a inicial e a continuada), as práticas sociais, as práticas de poder e a prática instituída na própria escola.

A mesma autora aponta algumas considerações sobre os caminhos da geografia escolar e destaca dois pontos que pensamos também serem muito importantes na consideração de nossas práticas e fazeres pedagógicos. O primeiro ponto é considerar que a geografia escolar não está subordinada ao que acontece na Academia, ela possui diretrizes próprias e deve ser compreendida em sua totalidade. O segundo ponto revela que "a geografia escolar não é uma simplificação da ciência, no sentido de se ter como parâmetro a referência direta dos conhecimentos científicos para o cotidiano dos alunos" (CAVALCANTI, 2015, p. 27). Deste modo, compreendemos que o ensino geográfico articula os saberes científicos com os do cotidiano e a construção do aprendizado se dá no questionamento desses conhecimentos.

Segundo Fuini *et al.* (2012), a alfabetização em Geografia consiste em contextualizar o(a) aluno(a), e aproximá-lo(a) do conteúdo geográfico ao veiculá-lo em uma abordagem integrada e relacional. Ainda na perspectiva dos autores, o conhecimento de Geografia pode ser desenvolvido pela ótica do sócio-construtivismo, pela qual "o ensino escolar é o processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor e o objetivo maior do ensino passa a ser o processo de aprendizagem do aluno. O papel do docente é articular os objetivos, conteúdos e métodos que levem em conta a realidade dos alunos." (FUINI *et al.* 2012, p. 207)

Segundo Fernandes e Gebran (2010, p. 259), a prática geográfica desenvolvida deve auxiliar a construção de processos problematizadores e desenvolver habilidades de

“observação, de registro, de descrição e de documentação dos fenômenos socioculturais, ou mesmo naturais, que compõem o espaço geográfico, formulando hipóteses e explicações para as relações, as permanências e as transformações”. Assim, o objetivo da Geografia no espaço escolar segundo Cavalcanti (2015, p. 37) é "o de formar um pensamento geográfico, pensamento espacial genericamente estruturado para compreender e atuar na vida cotidiana pessoal e coletiva".

A Geografia na escola desenvolve atitudes e habilidades para além dos conteúdos. Nas atitudes, Vesentini (*apud* FERNANDES E GEBRAN, 2010, p. 256) aponta "o combate aos preconceitos; ênfase na ética, respeito aos direitos alheios e as diferenças, sociabilidade e inteligência emocional." E as habilidades "raciocínio, aplicação/elaboração dos conceitos, capacidade de observação e de crítica, etc". Nesta perspectiva, é possível dimensionar a importância que a Geografia possui no processo de formação dos(as) estudantes e como é necessário estar comprometido com um ensino geográfico que promova o desenvolvimento dessas atitudes e habilidades, esteja envolvido com a construção de uma escola voltada para a formação cidadã e que entenda que a Geografia é mais um instrumento para a emancipação e ideação de jovens (ou adultos) críticos.

O desenvolvimento de uma Geografia crítica no espaço escolar deve ser compreendido, conforme Fernandes e Gebran (2010, p. 258), "como uma práxis revolucionária: não basta explicar o mundo; cumpre transformá-lo", apontando ainda que para:

a Geografia, como disciplina, possa fornecer ao aluno elementos necessários à compreensão da realidade, à formação da cidadania; ela deve adotar alguns critérios para a seleção e para a organização dos conteúdos, que possibilitem aos educandos a perceber-se como parte do espaço (...) Portanto, o que se pretende do ensino e da aprendizagem da Geografia é que ela forneça subsídios para o aluno analisar e compreender a realidade que o cerca, em toda sua complexidade. (FERNANDES; GEBRAN, 2010, p. 260-261)

Nesta concepção, as práticas desenvolvidas nas aulas de Geografia podem auxiliar na formação de alunos(as) como cidadãos. Para Damiani (2012, p. 54), “o cidadão se definiria como tal, quando vivesse a condição de seu espaço enquanto espaço social, reconhecendo sua produção e se reconhecendo nela.” O contrato de cidadania proposto pelo grupo Navarrenx (*apud* DAMIANI, 2012, p. 58) define a cidadania:

para cada indivíduo e para cada grupo social como possibilidade (como direito) de conhecer e dominar (pessoal e coletivamente) suas condições de existência (materiais e intelectuais) e isso como ator político, como produtor e

como cidadão-usuário- consumidor no lugar de residência, na sua cidade e em sua região, nas suas atividades profissionais, bem como nos domínios do não trabalho, mas também na sua nação e no mundo.

Damiani aponta que a cidadania se refere “à materialização de relações de diferentes ordens, sendo que sua discussão relaciona-se à interpretação do lugar e do espaço, demanda inerente ao ensino geográfico” (FUINI *et al.* 2012, p. 206). Ainda segundo a autora,

É possível embora este não seja o único objetivo, realizar um trabalho educativo, visando esclarecer os indivíduos sobre sua condição de cidadãos, quando se apropriam do mundo, do país, da cidade, da casa e ao mesmo tempo, decifrando inúmeros limites decorrentes das alienações. O trabalho consiste em discernir as experiências sociais individuais e, assim, potencializá-las. Em outros termos fazemos reconhecer a si mesmos como sujeitos sociais, cidadãos. (DAMIANI, 2012, p. 60)

Para uma perspectiva crítica e cidadã, Cavalcanti (2015) aponta que é necessário a discussão de temas como gênero, questões étnico-raciais e a violência urbana no espaço escolar. A inclusão destas temáticas é necessária para se refletir a espacialidade do mundo atual. Não cabe a exclusão destes elementos, pois eles se apresentam na realidade dos(as) estudantes, e segundo a mesma autora "são veiculados de modo recorrente pela mídia, o que acaba acarretando risco de serem tratados de modo superficial, com forte viés ideológico e preconceituoso" (*idem*, p. 32). Destacamos o papel que a mídia possui na construção do imaginário social, sobretudo no entendimento das áreas periféricas sendo retratadas constantemente apenas com o olhar da violência e criminalidade. Essa perspectiva estereotipa tanto o local, as favelas, áreas periféricas quanto sua própria comunidade. É possível ver em diferentes letras de rap a apresentação dessa dimensão pelo confronto da visão estereotipada difundida pela mídia e a defesa de um orgulho de ser da periferia.

A autora ainda destaca que a representação dessas temáticas pela mídia ainda possuem o risco de serem tratadas como objetos de espetacularização e aponta o papel dos(as) professores(as) no debate desses temas pautando o diálogo: "transparência, permitindo todas as ‘falas’ possíveis, propiciando a divergência e explicando sua complexidade" (CAVALCANTI, 2015, p.32)

Seguindo estas perspectivas, o processo formativo deve ter em conta a construção de sujeitos que possuam características como maior abertura para o mundo, sensibilidade e em conjunto que estejam inseridos no mundo contemporâneo dominando a informação e com criticidade (CAVALCANTI, 2015). Neste viés, construir e estimular o desenvolvimento

destas características no alunado pode ser de extrema importância para o processo formativo, ao contribuir para a edificação de valores e atributos que vão além dos conteúdos no ensino.

Sobre esta questão, Cavalcanti (2015, p. 34) aponta que existem habilidades e capacidades que devem ser desenvolvidas para além dos conteúdos escolares e destacamos três que podem ser construídas por meio do uso do rap:

Uma atitude indagadora diante da realidade que se observa se vive cotidianamente; uma capacidade de análise da realidade, de fatos e fenômenos, em um contexto socioespacial; a consideração de que os objetos estudados têm diferentes escalas ou seja, levar em conta as suas inserções locais e globais.

Compreendemos que essas habilidades podem ser aprimoradas com o uso do rap, pois a capacidade de análise das letras de rap permitem questionar a realidade e refletir sobre a organização de nossa sociedade estruturada em classes e suas contradições. Precisamos ter em mente que a questão escalar é muito importante no entendimento do espaço geográfico, assim é necessário indagar os atores que formulam a organização da ordem local, regional e global. É importante o desenvolvimento de temáticas críticas dentro do ensino geográfico, sobretudo as que consideram as questões de classe, pois estamos “diante do desnível entre crescimento econômico e desenvolvimento social” (DAMIANI, 2012, p. 53).

Para a escolha dos elementos a serem utilizados na prática escolar, concordamos com Kaercher (2002) quando afirma que "a escolha dos conteúdos a ensinar na Geografia requer um recorte que nunca é apenas ‘pedagógico’ ou didático. Escolhemos alguns assuntos entre as muitas possibilidades. E essa seleção tem caráter político". Assim, pensa-se que é necessário a escolha de conteúdos que possam ser capazes de provocar a mudança na percepção de mundo dos(as) educandos(as). Neste viés, conteúdos que questionem a ordem vigente podem ser uma boa forma de tentar modificar a sociedade na qual vivemos.

O mesmo autor aponta que o ensino de Geografia não deve ter medo em apontar a existência das classes sociais e as contradições existentes entre elas, o conflito está presente em nossa sociedade e deve ser pautado no espaço da sala de aula: “Impossível não relacionar conflitos com desigualdades sociais (...) É impossível entender os espaços geográficos sem perceber o conflito das sociedades modernas” (KAERCHER, 1996, p. 111).

Outro ponto que o mesmo autor revela é que “Favelas, cortiços, vilas, enfim, tudo o que vemos, são manifestações geográficas, territoriais da segregação que é econômica, social. Priorizar o social é pois absolutamente fundamental para entender o espaço” (KAERCHER, 1996, p. 113). Deste modo, compreender as relações existentes na produção do espaço se

torna muito importante para difundir uma Geografia crítica situada dentro das contradições existentes em nossa sociedade advindas do sistema capitalista. E cabe à escola e à Geografia o papel de confrontar e analisar o mundo que vivemos, e tendo em vista o entendimento sobre áreas periféricas, entender que elas são fruto de processos excludentes e não formas naturalizadas, os (as) estudantes precisam ter esse olhar.

Destarte, a construção de conhecimentos por meio do uso do rap pode ser fundamental para que os(as) discentes compreendam as contradições existentes, no caso observado pelo autor, do espaço urbano. É claro que o rap, em sua amplitude e diversidade, sobretudo no Brasil, apresenta uma gama de temáticas que podem ser abordadas no ensino geográfico em momentos distintos a partir de diversos conteúdos. Em seu cerne, a pauta que desenvolve o rap em um viés crítico é a desigualdade, seja ela de classe, raça, gênero e outras disposições existentes. Com isso, o rap logra perspectivas para o entendimento das divergências materiais, sociais, culturais, econômicas presentes na sociedade e possibilita caminhos de reflexão para uma mudança no status quo. Aqui cabe pensar a aplicação prática que o rap possui e maiores intercessões com a Geografia.

7 O RAP EM PRÁTICA: O OLHAR DA(OS) DOCENTE(S)

Consideramos o uso do rap a partir de uma leitura bibliográfica, mas buscamos compreender também a perspectiva dos professores.

Todos os professores entrevistados abordaram que o rap pode auxiliar a construção de conhecimento por fazer parte da cultura brasileira, e ser representativo sobretudo para as camadas marginalizadas da sociedade e também, pelo estilo questionador e provocativo do rap, que pode induzir os(as) estudantes a confrontar a realidade.

Com certeza. O rap em essência surge da insatisfação com as estruturas tradicionais da sociedade e questionamentos dela. O estilo, além de tudo, é propositivo, então a cada crítica que faz, cria campo para novas formas de conhecimento. (Professor 2)

Essas questões podem, segundo os professores, desenvolver novas formas de conhecimento, pois a essência do rap pode fornecer essa criticidade aos(as) estudantes devido ao seu modo de questionar a ordem vigente e se posicionar quanto a questões sociais e políticas em nossa sociedade. Essa conduta pode fazer com que grupos oprimidos possam ser representados a partir de si mesmos, pois as indagações sobre a sociedade fazem com que se exijam respostas sobre as contradições existentes, e assim levar os(as) estudantes a se

identificarem com novas narrativas e a contarem sua própria história. Nesta perspectiva, os professores apontam que o rap pode desenvolver esses elementos e contribuir para que os(as) alunos(as) tenham um desenvolvimento intelectual e sejam mais inventivos.

Então acredito que sim pois a maioria dos raps apresenta críticas sociais, críticas políticas entre outras formas de crítica, então isso contribui sim para que os estudantes se tornem cidadãos críticos... cidadãos inventivos, criativos. (Professor 1)

Uma professora destaca que não só o rap mas como qualquer outro estilo musical, também pode ajudar a construir o conhecimento, questão que dialoga com as reflexões apontadas por Moreira, Santos e Coelho (2014). Ela sugere também que existem vários estilos musicais nacionais que podem ajudar a construir conhecimento dos(as) docentes, mostrar a cultura regional e assim valorizar a diversidade.

Não só o rap, mas como qualquer outro estilo musical também pode ajudar a construir o conhecimento. E temos vários estilos musicais genuinamente nacionais que podem também ajudar a construir o conhecimento dos alunos e também mostrar a cultura inclusive de cada região do nosso país. (Professora 3)

A docente reflete que uma característica do rap nacional, sobretudo do início dos anos 1990 e dos anos 2000, é que as músicas possuem um trabalho voltado para mostrar as periferias - elemento também destacado nos trabalhos de Loureiro (2017), Tejera (2013) e Teixeira (2020) - e isso pode ajudar na construção de estudantes mais críticos porque podem se identificar naquela música, principalmente estudantes de periferia, o que pode ajudar a desvendar novas realidades.

Para pensar os momentos dedicados ao rap, questionamos a(os) professora(res) quanto ao uso do rap. O professor 2 utiliza continuamente o rap em suas aulas pela possibilidade de diálogo que o mesmo possui com o alunado, principalmente com estudantes da escola pública. Segundo este professor as dimensões que o rap desenvolve é diferente de acordo com uma perspectiva de classe, pois já trabalhou com o rap em escolas públicas e privadas. Na escola pública o rap desenvolve o reconhecimento e fortalece identidades, na escola particular oferece novos olhares de mundo que são distintos da realidade da maioria dos (as) estudantes presentes nesse contexto. Ele pauta o uso de diferentes gerações do rap em sala de aula para promover essas ações de identificação e questionamento e utiliza grupos locais também para aproximar os (as) discentes. O mesmo docente afirma que o rap é uma ferramenta incrível que facilita o trabalho pedagógico e amplia a capacidade de análise dentro da sala de aula.

A clareza com a qual o rap conversa com os meninos que estão na escola pública no sentido deles se entenderem e se reconhecerem como indivíduos e de trazer possibilidades de respostas que às vezes nem eles mesmos entendem, mas que a pergunta tá ali, é algo absurdo, assim... é algo absurdo, na escola pública eu acho absurdo. O curioso é que eu já usei na época que eu trampava em escola particular também, mas é curioso como uma mesma ferramenta promove reflexões diferentes ... Pra um moleque que tá na escola particular, branco, playboy, a reflexão dele é outra, é a compreensão de uma realidade que não é a dele. Pro moleque da escola pública é o de reconhecimento, o rap diz assim, “ó eu vou te ajudar a ser quem você é”. Pro moleque que tá na zona de privilégio é: “eu vou te mostrar uma realidade que você não conhece, mas que você precisa dar muita atenção”. (Professor 2)

O professor 1 afirma que também utiliza o rap em sala de aula e que costuma usar especialmente no dia da consciência negra com a aplicação da Música “Negro Drama”, dos Racionais Mc’s, música que aborda uma perspectiva do que é ser negro no Brasil. Aqui cabe um ponto de destaque: é importante salientar que a pauta racial deve estar disposta de maneira contínua e não apenas em um espaço de eventualidade dentro do currículo escolar, e isso se deve ao fato que a questão racial envolve conflitos e estruturas que devem ser debatidos e desconstruídos dentro do espaço escolar no cotidiano. Essa ação se alinha com as perspectivas da interculturalidade (CANDAU, 2012) que busca pautar as diferenças dentro desse processo de questionamento e confronto contínuo, não apenas de demonstrá-las. O rap pode ser uma boa ferramenta para esse desenvolvimento, considerando que a pauta racial é uma grande temática dentro de muitas letras desse gênero.

Já a professora nunca usou rap na sala de aula por não identificar as matérias e os conteúdos abordados com as músicas de rap, especialmente do rap nacional. Contudo, não descarta a possibilidade de trabalhar com o rap nas turmas de ensino fundamental dos 6º, 7º e 8º anos, segmentos com as quais trabalha. Ela considera que ficaria mais fácil utilizar a música para se encaixar com questões dos conteúdos pedagógicos e também pensa ser válida a aplicação do rap no ensino.

Bom, eu nunca usei o rap nas minhas aulas, até mesmo eu acho que por conta da matéria em si, do conteúdo em si não ser identificado com as músicas de rap, sobretudo de rap nacional né. Então, quem sabe quando tiver oportunidade aí, principalmente eu que dou aula pra turmas de ensino fundamental é ... 7º e 8º anos, 6º ano, ficaria mais fácil utilizar a música. O rap encaixaria mais nas questões dos conteúdos pedagógicos que a gente trabalha no ensino, mas eu acho super válido, acho que ele pode contribuir sim e muito com o ensino de geografia. (Professora 3)

O levantamento bibliográfico nos fornece indícios que o rap pode contribuir para o ensino de Geografia (TEIXEIRA, 2020), contudo levantamos a perspectiva da(os) docente(s). Quanto a isso, refletem que o rap pode sim contribuir com o ensino de Geografia pelo seu poder de crítica, além disso, o rap se aproxima do objeto de estudo da Geografia, o espaço, pois o rap faz a análise desta categoria. No ponto de vista do professor 2 o rap questiona os processos e revela os conflitos e contradições existentes na sociedade, em especial no entendimento do espaço urbano por conta do movimento Hip Hop ser originado no urbano, entretanto o professor pontua que essas características têm se modificado, pois tem ocorrido uma aproximação do rap com comunidades tradicionais que não tem tanto vínculo com o urbano, pois estão situadas em localidades longe dos centros urbanos.

Cara, falando de geografia em especial, o rap só traz vantagens para análise do mundo concreto, porque o rap vai de encontro ao objeto da geografia, quando a gente fala de análise do espaço geográfico, quando a gente fala das transformações que acontecem no meio, quando a gente fala da relação homem/ natureza, daquilo que é feito o espaço que a gente constrói, quem faz esse espaço, quem é dono deste espaço, como é usado esse espaço, por quem é usado esse espaço, pra que esse espaço construído serve, o rap diz muito sobre isso. Ele diz muito sobre isso e diz muito sobre quem se marginaliza. Quem se marginaliza não, quem é marginalizado nesse processo, de uma forma muito latente, de uma forma muito na cara, de uma forma muito incisiva, de uma forma muito clara. Então, quando você vai analisar certos aspectos da geografia urbana, já tem muita gente no rap que fala, né... (Professor 2)

O professor continua sua reflexão pontuando que existem muitas interseções entre a Geografia e o rap, principalmente com as perspectivas da Geografia contemporânea, que possui um viés mais crítico. Aponta também que a Geografia é uma ciência humana que se beneficia da utilização do rap como instrumento de desenvolvimento do conhecimento e de desconstrução, inclusive de conhecimento. Essas questões dialogam com o que aponta Teixeira (2020, p. 90): “Por isso, o rap como expressão estética, artística, cultural, social, histórica e geográfica pode contribuir com a organização da educação geográfica como forma de compreender as especificidades do urbano e mais precisamente de um espaço urbano periférico.”

Para complementar as perguntas da entrevista, foi apresentada uma letra de música para análise da(os) professora(res):

<p>Primeiro de Abril - ADL</p> <p>Desligo a TV, cansado de ver Sempre os mesmos cara mentindo Comercial de shampoo só dando glamour Para modelo de cabelo liso Transformaram nosso Jesus Cristo Em um surfista de olho verde E aí o táxi não para pra nóiz Pra nóiz só para o serviço da Blazer Padrão para mulheres e moças Apresentadora loira da emissora Que as negras e as gordas Só serviam pra cozinha e pra vassoura Te enganaram quando falaram Que a vida de favelado era boa E um jogador de futebol Tinha que ganhar mais que uma professora Desastre na região serrana Lama invade Mariana Mas até o hoje o que se lembra É o 7 x 1 pra Alemanha Se tu pensa que gay é uma doença Tu é mais doente do que tu pensa Doente mesmo é o deputado Que desvia verba da merenda PM abusa do poder Todo maconheiro é ladrão Mas as gostosa traz cerveja Em comercial de televisão Escândalo na CBF, Petrobrás e Mensalão Dia primeiro de Abril tinha que ser o dia da eleição Mentiram, dia de preto não é segunda Mentiram, Hip-Hop não é só balançar a bunda Quem que disse pra esses merda Que esses merda não afunda Nóiz viemos pra mostrar Que mentira tem perna curta Tira do seu rosto o seu sorriso de mentira Desligue a televisão, pare e ouça a minha visão Que nem sempre a arma tá na mão de quem atira E que às vezes a solução é fazer o que se acredita</p>	<p>É tudo uma grande mentira Desligue a televisão, pare e ouça a minha visão Que nem sempre a arma tá na mão de quem atira E que às vezes a solução é fazer o que se acredita Cês me vem com as doença e as vacina Jornal, TV, Rádio e Internet Até na escola me ensina Que sem um bom carro do ano Sem grana e fama, não tem boa menina E o pior, cês são mestre nisso! No plantão policial na tela do cinema nacional Só papel de bandido É que favelado tem inclinação E medicina é só pra filho de patrão Que respeito e honra é ter vaga na seleção Pra vocês é só salmão Pra nóiz é só busão Programa pede mil real Gastando vinte milhão de dólar, de dólar Filmando pobre ali sem lar, pobre ali sem lar Se nem a própria lei funciona Só se for Friboi, só se for "Prayboy" Jornalismo, falsas Panicats te seduz Martelinho da mídia ditando o que é bom e ruim Papai Noel, Playstation novo Estuprando mais um menino Crise, dor de cabeça e a culpa é sempre do mosquito Por causa de 20 centavos o mudinho criou voz Viu a Copa do Mundo e ficou cego logo após Menina anoréxica, ser homem rico é a técnica quem foi eles que te intoxicou, qual foi a tática de igreja ou político Diz que certo é protesto pacífico Finge que me engana que eu finjo que acredito Tira do seu rosto o seu sorriso de mentira Desligue a televisão, pare e ouça a minha visão Que nem sempre a arma tá na mão de quem atira E que às vezes a solução é fazer o que se acredita É tudo uma grande mentira Desligue a televisão, pare e ouça a minha visão Que nem sempre a arma tá na mão de quem atira E que às vezes a solução é fazer o que se acredita</p>
---	--

Ao discutir a letra da obra “Primeiro de Abril” os professores pontuaram que a música apresenta relação com a Geografia, pois muitos elementos apresentados são discutidos pela Geografia, ademais, na perspectiva do professor 1, a música é uma crítica contundente

sobre como a sociedade lida com aspectos que são normalizados: o poder de influência das propagandas, a ditadura de padrões de beleza, o impacto do consumo, os desastres ambientais. E levanta outras temáticas como, os baixos salários dos professores, os desvios de verbas praticadas pelos políticos, a violência policial e os escândalos na política.

A música é belíssima, é uma crítica muito contundente sobre como nossa sociedade lida com os casos óbvios, então eu posso primeiramente dizer que praticamente tudo. Depois eu tive que selecionar alguns pontos que é quando fala do poder de influência das propagandas. Porque as propagandas de consumo têm esse poder, elas impõem ditaduras, né? Tem a ditadura da beleza imposta por esses comerciais e a gente sabe que esses padrões são selecionados. Também quando fala do desastre na região serrana, quando fala da lama invadindo Mariana, quando fala dos baixos salários dos professores. E tem outros também, mas eu tive que fazer um recorte ... (Professor 1)

Para o professor 2 essa música se trata de uma análise do espaço geográfico no que diz respeito a quem o produz e para que ele está sendo produzido. Essa relação mostra que existem grupos que dominam e grupos que são dominados e, assim, os grupos hegemônicos condicionam a perspectiva dos grupos oprimidos pela ótica do estereótipo, definindo o que é ser preto, o que é ser mulher, o que é ser favelado. Então, o que a música faz na perspectiva dele é confrontar essa realidade e mostrar o que está acontecendo com quem fica marginalizado nesse processo.

Essas pessoas através da arte fazem uma profunda análise do espaço geográfico, que é como eu disse anteriormente, o objeto da geografia. Fazem uma análise da produção deste espaço no sentido mais do que entender o que tá sendo produzido, pra quem tá sendo produzido. Quem faz uso desse espaço, quem é dono desse espaço e curiosamente quem é dono deste espaço diz quem são as pessoas ... o resto das pessoas que só estão nesse espaço, mas muitas vezes não têm uso do que é produzido, né? Criando estereótipo do que é preto, criando estereótipos do que é ser mulher, do que é ser favelado, do que é ser, aquilo ou qualquer outra coisa. Então a música, como boa parte de todas as músicas que o rap produz, que o hip hop produz, é... propõe uma reflexão e um questionamento sobre que produção do espaço é essa que a gente tá fazendo. (Professor 2)

Essa dimensão de questionar a ordem vigente, refletir sobre os aspectos que condicionam a sociedade e esta divisão em classes, dialogam com o que aponta Kaercher (2002, p. 50): "Mas, não teria a geografia que discutir a ética e a lógica que estão embutidas em nossas paisagens? O que é prioridade para nossas elites econômicas e políticas? O que é secundarizado? Quem ganha e quem perde com tais opções sempre políticas e comprometidas?"

A docente entrevistada sugere que a música pode ser utilizada no ensino de Geografia porque mostra diferentes realidades, tanto na perspectiva dos artistas quanto mostra a realidade de nosso país. Segundo ela, a letra trata de contextos nacionais e globais que merecem ser entendidos e explicados para os(as) estudantes. Elementos que também foram destacados pela professora é o papel das mídias e das redes sociais que devem ser questionadas, pois não são uma representação do real. Assim, ela acredita que a música é uma forma de confrontar o que está posto.

Pra tornar o assunto real mais politizado é justamente mostrar pros alunos que a vida que eles vêem nas redes sociais, no Facebook, não é tudo isso que eles imaginam, que às vezes a realidade que, principalmente destes artistas, seja do rap, seja do funk, mostram nos seus clipes, não é bem a realidade que eles vivem, certo? A questão de poder falar das questões do nosso país, principalmente ligados à geopolítica mundial, tem tudo a ver com o quadro social que o nosso país vive. Então, sim, é bem válida a utilização, tornar esse assunto mais real, utilizando a letra desse rap. (Professora 3)

Assim, o uso da música a partir do olhar dos professores pode caminhar para que os(as) estudantes questionem a realidade que se vive no cotidiano e criem uma capacidade de análise da realidade de uma forma socioespacial (CAVALCANTI, 2015). Além do que, seguindo o ponto de vista do primeiro professor, fica evidente que é necessário pontuar o papel da mídia dentro da sociedade moderna, e esse papel questionador cabe ao professor mediador, elemento que também foi pontuado por Cavalcanti (2015).

Os professores e a professora foram questionados quanto se essa música poderia ser inserida no ensino. Os três concordaram e ressaltaram o papel desse rap de gerar mais perguntas e desenvolver um caráter indagador, crítico nos(as) estudantes, habilidade defendida para ser trabalhada no ensino de Geografia (VESENTINI *apud* FERNANDES e GEBRAN, 2010). Contudo, os dois professores também pontuaram a dificuldade que seria tratar algumas das temáticas devido à censura que tem ocorrido na sala de aula, sobretudo com os docentes de Geografia, principalmente com a situação atual do Brasil diante do avanço da extrema direita, o neoliberalismo, e o silenciamento da capacidade de crítica.

... acho importante ressaltar que neste atual contexto é um pouco complicado de se trabalhá-la por causa do trecho que a violência policial é abordada. Eu penso que esse é um tema que mexe muito, que as pessoas querem censurar esse tema. A violência policial então, por conta disso, é possível que haja assim retaliações com os professores que, por ventura, vierem a trabalhar em aulas, por conta disso, por causa desse momento de censura que estamos revivendo. Mas deve sim, deve sim ser trabalhada. (Professor 1)

Pela ótica dos professores e da professora a música pode tornar mais real a capacidade de crítica dos(as) estudantes e pode desenvolver a capacidade de analisar, pesquisar e refletir sobre a realidade, o que vai ao encontro das reflexões de Fernandes e Gebran (2012) quanto aos elementos desenvolvidos pela prática geográfica. Um dos professores destaca que esse papel de confrontar a realidade é um dos papéis da arte, por isso a utilização da música pode ser um bom elemento a ser incorporado dentro da sala de aula. Os professores apontam também que o uso desta música é uma boa forma de fazer entender que tudo é resultado de um processo e que ele deve ser desnaturalizado e, assim, seja possível desenvolver um caráter propositivo capaz de fazer a mudança no mundo.

Entendimento que vai ao encontro do que aponta Teixeira (2020 p. 102):

Uma das questões que unem todos os problemas urbanos trazidos pelas letras é que os problemas presentes no espaço urbano, tais como a pobreza, favelização e o desemprego, não podem ser vistos como anomalias ou erros, eles são estruturais e decorrem da produção e reprodução do espaço urbano no capitalismo. O espaço urbano passa a ser essencial para compreender os processos que envolvem essa reprodução, pois é onde os seus efeitos se tornam mais evidentes.

Por fim, a(os) docente(s) ressaltam que o uso do rap pode desenvolver diferentes habilidades e competências, muitas delas destacadas por Vesentini (*apud* FERNANDES e GEBRAN, 2012), além do que pode se vincular com distintos conteúdos, o que mostra o caráter plural que o rap pode possuir em sala de aula. Mais uma vez os professores pontuam o papel de continuamente interrogar o sistema vigente e pensar formas de transformação desse meio, o que é uma característica importante a ser desenvolvida nos(as) alunos(as). Além disso, evidencia-se também a possibilidade de gerar identificação do corpo docente e abrir espaço para debater temáticas que são caras à sociedade atual, como o racismo, a desigualdade de gênero, o machismo, os conflitos de classe, entre outros.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo contemporâneo nos oferece o desafio de pensar práticas pedagógicas que visem o desenvolvimento de distintas habilidades, que estejam comprometidas com o fortalecimento da criticidade e que promovam a emancipação dos indivíduos. Assim, o processo de construção de conhecimento deve ter em vista o protagonismo dos(as) estudantes e sua formação cidadã mediada pela ação dos(as) docentes.

Nesta perspectiva, música e poesia na sala de aula nos fornece o desenvolvimento de várias capacidades nos(as) alunos(as) e podem auxiliar na elaboração de aulas mais criativas e

lúdicas, o que pode servir como um atrativo e uma forma de aproximar nossas práticas com as afetividades dos (as) estudantes. Pensando a incorporação de música e poesia, defendemos o uso do rap em sala de aula devido às várias contribuições que o mesmo pode fornecer para criar pessoas mais reflexivas quanto ao mundo que temos, engajadas socialmente e comprometidas em pensar a mudança de perspectivas frente às distintas contradições existentes na sociedade capitalista.

Pautar o uso do rap pode ser de grande importância para trazer o protagonismo de culturas de margem dentro do processo de ensino-aprendizagem, abrindo espaço para discutir sobre a diversidade e valorizando todas as diferenças no espaço escolar. Esses aspectos apresentam relevância para discutir um currículo intercultural, elemento necessário diante da sociedade tão plural que temos.

Nesta perspectiva podemos inferir que o papel do rap na aula de Geografia é de ser um instrumento para questionar a realidade, gerar novas perguntas e assim desenvolver a capacidade propositiva nas(os) estudantes. Construir cidadãos e sujeitos críticos é uma das perspectivas da educação geográfica e trazer o rap para esse processo pode contribuir para a formação de sujeitos capazes de indagar a realidade construída e de transformar o meio em que vivem. Segundo o ponto de vista dos(as) professores(as), o rap pode desenvolver capacidades e habilidades que são importantes para o raciocínio geográfico, o que demonstra que pode ser uma boa ferramenta para edificar o ensino de Geografia.

Cabe salientar o papel de identificação e reconhecimento por parte dos estudantes que o rap pode produzir, além de deixar os conteúdos mais reais, mais próximos do mundo concreto. Um ponto destacado pelos professores por meio da letra “Primeiro de Abril” é que se torna possível repensar o papel da escola, situá-la dentro de uma concepção crítica, criativa e inventiva e se afastar de moldes tradicionalistas ou conservadores como muitas vezes temos visto. Assim é viável pensar em uma escola voltada para a transformação e a emancipação dos indivíduos. Pelas temáticas discutidas no rap, aponta-se para a construção da cidadania, objetivo a ser alcançado pela educação geográfica (CAVALCANTI, 2015).

Merece ser destacado que mais pesquisas sobre rap e Geografia devem ser desenvolvidas com o objetivo de promover ainda mais a cultura periférica e sua apropriação por essa ciência tão rica que é a Geografia. Também se defende pensar mais músicas do gênero rap para serem desenvolvidas em sala de aula e trazer contextos locais, ponto sugerido pela professora. Do mesmo modo, acreditamos que um ponto relevante seria ampliar o número da amostra proposta neste artigo, o que não foi possível para este trabalho, para

também identificar opiniões contrárias e assim obter um panorama mais amplo sobre a visão dos(as) professores(as) sobre o rap.

Contudo, podemos observar que o rap pode ser entendido como um instrumento para a construção da liberdade e uma maneira de gerar sujeitos responsáveis por fazer a mudança no mundo e construir novos paradigmas, ou seja, gerar sujeitos comprometidos com o mundo de hoje, pois como diria mestre Sabotage, “O rap é compromisso!”.

PERSPECTIVAS DEL RAP EN LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA: LO QUE PIENSAN LOS PROFESORES?

RESUMEN

El rap, la voz del movimiento Hip Hop, ha representado la cultura marginal y ha ampliado las discusiones sobre racismo, cuestiones de género, conflictos de clases y otras cuestiones. La incorporación del rap y estos temas en la enseñanza es de suma relevancia para la construcción de un currículo basado en la interculturalidad. Este estudio analiza el papel del rap desde la perspectiva de tres profesores que supervisaron nuestro trabajo en el programa de Residencia Pedagógica y también tiene como objetivo comprender qué percepciones sobre el rap tienen los profesores y la profesora. El trabajo se desarrolló con el análisis cualitativo de entrevistas semi-estructuradas. Para el desarrollo de la entrevista también se propuso un análisis de la canción “Primeiro de Abril”, del grupo Além da Loucura. A partir de las respuestas de los docentes, se pudo constatar que el rap tiene un rol de generar criticidad, reflexión sobre el mundo y está más cerca de una educación para la ciudadanía. Otro aspecto destacado es la pluralidad de contenidos que se pueden trabajar desde el rap. A través de esto, podemos entender el rap como un instrumento de emancipación y transformación social.

Palabras clave: Educación Geográfica. Interculturalidad. Criticidad. Rap nacional.

NOTAS

2 Existem segmentos do rap, como o trap, que possui em seu cerne a exaltação por um estilo de vida de luxo, ostentação e abordam outros elementos como drogas, festas, mulheres, riqueza, violência...

3 Sobre esta temática considerar o trabalho de Moreira (1996): Os Parâmetros Curriculares Nacionais em questão.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia – Ensino de 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002, p. 275-360.
- CANEAU, V. M. F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012.
- CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, set./dez. 2002
- CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. [Livro eletrônico] Campinas, São Paulo : Papirus, 2015.
- DAMIANI, A. L. A geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.) **A geografia na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 52-63.
- DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002 .
- DE SOUSA, L. D. *et al.* Poesia e geografia: Possibilidades de ensino e aprendizado. Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, **Anais...** [S.l.], v. 6, n. 1, jun. 2017.
- FERNANDES, A. C.; GEBRAN, R. A. Geografia e prática social: configurações no espaço da escola. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 32, n. 2, p. 255-262, 2010
- FUINI, L. L. *et al.* A música como instrumento para o ensino de geografia e seus conceitos fundamentais: pensando em propostas para o trabalho em sala de aula. **Para Onde!?**, Porto Alegre-RS, v. 6, n. 2, p. 206-216, set. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/36498/23914>>. Acesso em 23 de Novembro de 2020.
- JONNAERT, P.; ETTAYEBI, M.; DEFISE, R. Currículo: um esclarecimento conceitual. In: _____. **Currículo e Competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.37-63
- KAERCHER, N.A. A geografia é o nosso dia-a-dia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, p.7-192, Agosto 1996.
- _____. A geografia crítica - alguns obstáculos a enfrentar no ensino aprendizagem de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 28, n. 1, p. 45-65, jan. 2002. Versão online disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39933/26262>>. Acesso em 20 de Novembro de 2020.

LOUREIRO, B. O Ativismo de rappers e o “progresso intelectual de massa”: Uma leitura Gramsciana do rap no Brasil. **Rev. HISTEDBR**, On-line, Campinas, v.17, n.2 [72], p. 419-447, abr./jun. 2017.

MOREIRA, A. C; SANTOS, H; COELHO, I .S. A música na sala de aula- A música como recurso didático. **UNISANTA Humanitas**, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014.

OLIVEIRA, H. C. M; SILVA, M. G; NETO, A. T; VLACH, V. R. F. A música como um recurso alternativo nas práticas educativas em geografia: alguma reflexões. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n.15, p. 73-81, jun. 2005.

RAMALHO, C. B, A Poesia é o mundo sendo: o poema na sala de aula. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 36, p. 330-370, jan./jun. 2014.

SANTOS, R. C. E; CHIAPETTI, R. J. N. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 3, p. 167-183, set./dez. 2011.

SILVEIRA, R. F. K; DEBUS, E. S .D; AZEVEDO, F. J. F. A Poesia : Estratégias para Experimentar e fruir em sala de aula. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 26 ,n. 2, p. 86-100, mai./ago. 2018.

TEIXEIRA, A. N. **O rap na Geografia**: possibilidades de mediação do conhecimento e ensino de geografia a partir da periferia. 125p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

TEJERA, Daniel Bidia Olmedo. **Rap**: o duelo de rimas no cotidiano do jovem. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, campus de Rio Claro, 2013.

Recebido em 16/12/2020.

Aceito em 18/05/2021.